



SIM, ESTAMOS  
VENDENDO



30°

30°

45°

45°

45°

60°

45°

0

1

2

3

4

5

6

6

5

4

3

2

1

6

5

4

3

2

1

90°

Apontamentos quanto aos procedimentos desenvolvidos em aula "mediada" por meio de procedi[enquadra]mento virtual...

Notes on the procedures developed in a class "mediated" by virtual procedure [a framework]...

Alexandre Mate <sup>1</sup>

---

1. Nascido no bairro operário de Vila Anastácio (SP). Filho de mãe operária. Estudante de escola pública (à exceção da graduação). Doutor em História Social e Mestre em Teatro (ambas pela USP); professor aposentado da graduação do Instituto de Artes da Unesp, mas inserido na pós-graduação da mesma instituição. Atua como pesquisador nas mais diversas áreas ligadas à linguagem teatral. E-mail: alexandre\_mate@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0001-9593-601X

## Resumo |

Relato sobre matéria ministrada a estudantes de mestrado do Programa de Pós Graduação em Artes do Instituto de Artes da Unesp durante a matéria “Seminários de Pesquisa I”, ministrada à distância, via *Google Meet*, pelo professor Alexandre Mate e pela professora Simone Carleto, entre os meses de março e julho de 2020. Na reflexão são apresentadas todas as referências documentais de que se lançou mão para desenvolvimento do curso em epígrafe. O curso foi estruturado a partir de seis eixos básicos: senso comum/preconceito, cultura, história, memória, engajamento/militância política e teatro, cada qual contando com bibliografias específicas. Experimentações e narrativas foram propostas, completando a proposição metodológica: escrita de cartas de amor, autorretratos e o desafio de fazer um bolo sem alguns ingredientes tradicionais. O texto faz parte de um tríptico, em conjunto com *Travessias do Aprendizado*, por Simone Carleto; e *Manifesto Poliédrico-estético-político Afetivo por um Coro de Corpos Distantes*, por estudantes do curso citado, publicados em conjunto na edição 13 da Revista Rebento.

**Palavras-chave:** Pedagogia do teatro. Pesquisa em artes cênicas. Proposição prático-polifônica. Ensino-aprendizagem remoto.

## Abstract |

Report on the subject given to Master students of the Postgraduate Program in Arts of the Unesp Institute of Arts during the subject “Research Seminars I”, given at a distance, via Google Meet, by Professor Alexandre Mate and Professor Simone Carleto, between the month of March and July 2020. It demonstrates the theoretical basis with a view to praxis epistemology, listing stages and intersections between conceptual aspects, poetic creation exercises, seminars that interrelate texts and people. Artistic works and other ways of sharpening creativity and reflection were used, composing a mosaic of knowledge, enabling exchanges, qualitative leaps, and contributions from each one of the participants to the development of research in the process. The course was structured around six themes: common sense/prejudice, culture, history, memory, political engagement/activism and theater, each with specific bibliographies. Experiments and narratives were proposed, completing the methodological proposition: love letters’ writing, photographs and the challenge of making a cake without some traditional ingredients. The text is part of a triptych, together with *Travessias do Aprendizado*, by Simone Carleto; and *Affective Polyhedral-aesthetic-political Manifesto by a Chorus of Distant Bodies*, by students of the cited course, published together in issue 13 of Revista Rebento, in the year 2020.

**Keywords:** Theater pedagogy. Performing Arts research. Praxis-polyphonic proposition, remote teaching-learnin.

“Quem acha vive se perdendo  
Por isso eu vou me defendendo  
[...]  
Batuque é um privilégio  
Ninguém aprende samba no colégio”

Noel Rosa

## ...Historiando...

Toda a gente, e indistintamente, está a viver um momento único na História da humanidade, nas relações públicas e naquelas pessoais. Todos os processos relacionais têm sido redimensionados, ressignificados e, em muitos casos, reestabelecidos. Durante o último processo eleitoral presidencial, incontável número de relações pessoais e de amizades acabaram por ser desfeitas. Portanto, aludindo Drummond, por meio do poema *Nosso Tempo* o “[...] tempo de homens [e mulheres] partidos” encontrava-se em pleno curso. Os processos pedagógicos, como não poderia deixar de ser – sobretudo em razão de sua natureza pressupor a presença e a relação de troca, em tese, manifestados/mediados pelo dialogismo – tiveram de ser (re)inventados!! Aliás, nesse processo, dia a dia, algo novo, e às vezes surpreendente, acontece! Tantas e arraigadas certezas têm sido revisitadas, permanentemente. Antes deste raro e surpreendente momento, vivido por boa parte da humanidade nas cidades grandes, eu, particularmente, tendia a apresentar inúmeros senões à chamada “educação à distância”. Entretanto, mobilizado por compromisso militante (em razão de eu estar aposentado), resolvi assumir as aulas do componente curricular “Seminários de Pesquisa I”, que se caracteriza em matéria obrigatória para ingressantes no programa de pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp. Na perspectiva de o curso ser desenvolvido presencialmente, imaginando que talvez pudesse não chegar até o final dele, em razão de viagem para o Canadá, convidei a

professora (e amiga) Simone Carleto (a quem orientei no doutoramento e agora, em processo de supervisão, no pós-doutoramento) para, em dupla, assumirmos a tarefa.

Com a interdição das relações pessoais, decorrentes do processo pandêmico, e a pós solicitando ao conjunto docente quem poderia ministrar o curso proposto à distância, ainda que, inicialmente, não favorável ao processo, em conversa com Simone Carleto, resolvemos, antes de tomar uma decisão, consultar o conjunto de estudantes inscritos na matéria. Das onze matrículas (e o curso por sua natureza não poderia contar com estudantes ouvintes), a aprovação foi unânime. Portanto, o processo foi iniciado na última semana de março, com aulas às segundas-feiras, das 19h às 23h. Em treze encontros, basicamente, começamos sempre no horário marcado e nunca terminamos antes das 23h. Vivida a experiência, posso dizer, de modo assertivo, que aquela foi mais uma excelente experiência de troca e de afetos (mesmo à distância). Ao fim, e não apenas eu, estou certo disso, saímos contentes e algo transformados/as com a experiência e com real sensação de preenchimento cognitivo-emocional.

## O repertório constitutivo do curso...

Tendo em vista a natureza específica do curso em epígrafe e suas proposições epistêmicas referindo-se, sobretudo, aos procedimentos de pesquisa, optou-se – do ponto de vista formal (coligindo uma determinada estrutura e os modos para desenvolvimento de conteúdos) –, considerando a natureza da matéria e as pesquisas da estudantada, por dividir as referências apresentadas em seis temas, individuais e articulados: senso comum/ preconceito, cultura, história, memória, engajamento/ militância política e teatro. Além de os temas contarem com bibliografias específicas, durante a semana, na condição de “aquecimento”, foram

propostos que determinados “embreantes à reflexão sensível” pudessem, além de assistidos ou lidos, desenvolverem-se por meio de alguma experimentação prática. Desse modo, ainda que não do ponto de vista clássico, tratou-se de uma matéria desenvolvida em epistemologia prática. Do conjunto de experimentações constaram as seguintes “tarefas” narrativas sobre o contexto da atualidade do mundo, imbricando, evidentemente, as questões políticas e o estágio (algumas vezes desesperançante da Covid-19; cartas de amor (narrativa epistolar); fotografias, como manifestação radiográfica de si; a feitura de um bolo, sem alguns ingredientes clássicos.

Em nosso primeiro encontro, além da apresentação dos objetivos vislumbrados pelo curso, temas e bibliografias sugeridas, o processo se iniciou por meio da apresentação de algumas etimologias. O primeiro lance tomou o título do curso, ou seja: seminário (de seminal, referindo-se, também, a origem; como viveiro); pesquisa (como processo de coleta interessada, por meio de recortes preliminares de determinados objetos); discurso (cujo sentido geral e genérico refere-se a correr em várias direções). Tendo em vista a traduzibilidade do discurso, evidentemente, partiu-se, tomando algumas reflexões de Eni P. Orlandi, que apresenta certa tipologia do discurso, territorializado em contexto escolar, sobretudo. A partir daí, imbricando um conjunto de fontes bibliográficas, apresentou-se a etimologia de narrativa (a partir das palavras gregas *mytho* e *mytheio*) atendo-se à questão fundante de manifestação explicitada concernente a origem e registro, decorrente de certo processo de documentabilidade. Seguindo este procedimento, em todo o curso, e sempre que as palavras-conceito ou ação demandassem, foram apresentadas as interpretações históricas dos primeiros sentidos (históricos) das palavras. Desse procedimento, dentre outros foram apresentadas as etimologias e/ou “traduzibilidades” de percepção (sobretudo a partir das proposições de Fayga Ostrower, cujo título aparece na bibliografia); os conceitos pressupostos pela palavra-ação decifratória de leitura; as diferenças en-

tre fato, evento e acontecimento; os pressupostos contidos na ação crítica (tomando como referência Terry Eagleton e Mikhail Bakhtin, cujas obras são apresentadas na bibliografia); categorias e procedimentos em certa tipologia e etimologia da palavra-ação epistemologia (a partir de Caio Prado Jr., cuja referência aparece na bibliografia).

Mesmo tendo formações diversas, em instituições diferenciadas, houve alguma surpresa quanto aos sentidos etimológicos (denotativos) das palavras apresentadas. Portanto, e a partir do primeiro dia, solicitei que sempre que houvesse dúvidas quanto aos sentidos ou conceitos pressupostos pelas palavras ou por determinadas expressões que se buscasse, em cotejo, sobretudo suas etimologias (sentidos seminais). A partir do segundo encontro, que seria dedicado à exposição dos projetos de pesquisa, ao considerar cada um deles, foram estabelecidas as duplas ou conjuntos que iriam desenvolver os seminários. Nesse processo, tendo em vista que o tempo de pesquisa é ridiculamente curto, houve um cuidado e preocupação para que – a partir das obras/temas definidas – cada estudante pudesse construir pontes com seus projetos.

Sem o objetivo de descrever em minúcias os processos, mas apenas com o intuito de apresentar as fontes tomadas como base para uma reflexão, tanto dos seminários como dos próprios temas de cada pesquisador/ra, as referências norteadoras da experiência pedagógica em epígrafe foram:

- *O ensaio como forma* (1991), de Theodor Adorno (foi a primeira obra indicada. Em tese, a indicação, de vários modos, foi sugerida em razão de, por meio das teses de Adorno, ser possível ampliar a potência quanto à escrita de narrativas. Em arte, de modo diferenciado àquele de outras áreas do conhecimento, as pontes podem e devem ser criadas para cair... Nessa perspectiva, é importante operacionalizar, tomando uma das teses adornianas, a narrativa (a partir do pressuposto contido na palavra em francês) como experimento;

- *Era Urso* (1999), de Frank Tashlin. Em tese, a obra tem sido rotulada e indicada às crianças, mas, tendo em vista seu tema (questão da identidade), trata-se de uma obra absolutamente essencial para os tempos de espetacularização e reificação da humanidade;

- *Gente, Bicho, Planta: o mundo me encanta* (2009), de Ana Maria Machado. Também endereçada ao universo infantil, sugeriu-se a leitura da obra em razão de a bela narrativa propor uma aproximação das questões relativas à dependência harmoniosa, ainda que plasmada em diversidade, entre os seres vivos. De outro modo, talvez a obra possa ser inserida no pressuposto segundo o qual nada que seja humano e concerne aos seres vivos pode ser tratado com indiferença;

- *Blow up* (1966), que em português foi traduzido para *Blow up – Depois daquele beijo*, filme de Antonioni “poderosíssimo” sobretudo quanto às ferramentas de que se pode lançar mão no processo de investigação e pesquisa. Para descobrir um crime revelado por acaso, o fotógrafo, que é o protagonista, refaz escrupulosamente todas as etapas de uma experiência;

- *Uma cidade sem passado* (1990), filme de Michael Verhoeven. Dentre os vários sentidos apresentados pelo filme, sua indicação ocorreu para que se pudesse retomar as reflexões sobre os modos como têm sido construídas as narrativas históricas, que correspondem àquelas oficiais. A partir do conceito de memória pelo alto, a humanidade tem acesso a uma interpretação, que corresponde a uma versão absolutamente interessada e quase sempre tendenciosa;

- o “procedimento-demonstração” *The eye of the storm* (1996), roteiro da professora Jane Elliot. Trata-se da filmagem de um procedimento, transformado em documentário, tomado como indicador para pensar a gratuidade quanto aos estereótipos e preconceitos plasmados e camuflados, de todos os modos na vida social;

- a “aula-espetáculo” *Nanette* (2018), roteiro e atuação de Hannah Gadsby. O resultado corresponde a um espetáculo da artista australiana, cujo discurso se caracteriza demolidor contra a totalidade dos valores liberais, que se fundamentam no patriarcado, na exclusão, dissimulação e nos mais diferenciados e articulados preconceitos, contra as mulheres, a homossexualidade, a pobreza. A artista trata e apresenta, sobretudo por denúncias, processos de alinhamentos e necessidade das buscas e operacionalização dos nomeados lugares de fala, lugares de gênero, desigualdades de diferentes e articuladas naturezas etc);

- “Cena de rua - Modelo de uma cena de teatro épico” (1967), de Bertolt Brecht. Trata-se de um dos clássicos textos e reflexões do radicalíssimo (e essencial) artista alemão de parte do século XX. Por meio de um atropelamento, o dramaturgo expõe, de modo alegórico e didático, os diferentes pontos de vista e interesses na apuração do acidente e na construção das narrativas históricas. Fundamentalmente o que vêm à tona no curto ensaio é a questão das versões;

- *O processo civilizador* (1994), de Norbert Elias. Em tese, a obra foi indicada como aquecimento para o tema concernente à militância e ao engajamento. O historiador - ao analisar os manuais de etiqueta europeus -, demonstra, por meio de um vasto material documental, os modos arquetípicos e esquadrihantes na desconstrução de procedimentos e valores consagratórios dos interesses dos detentores do poder da vez. De outro modo, em tese, a obra trata do massacre dos processos ditos singulares, peculiares, fundamentados nos mais variados e antagônicos tipos de necessidade para construção do sujeito civilizado, moldando-o esquadrihadamente em seus modos de ser, estar, pensar, sonhar e desejar;

- *Testemunha ocular: história e imagem* (2004), de Peter Burke. Historiador ligado sobretudo à análise de documentos visuais, a obra serviu para ampliar as possibilidades de compreensão do objeto por ele

e não pelas diferentes leituras sobre boa parte de tudo o que está à nossa volta. Normalmente, as narrativas à disposição tendem a impor, sem revelar com clareza, os interesses de classes, grupos, culturas, interesses que vão moldando e esquadrinhando as mais diferenciadas possibilidades e diferenças. Em tese, a reflexão propõe-se a considerar a retomada da potência da visão fraturada e opacizada.

## Procedimentos metodológicos e construção de uma possibilidade de polifonia práxica...

A proposição práxi-polifônica caracterizou-se no procedimento pedagógico, desde o primeiro momento de encontro. Ao defender a tese segundo a qual, em qualquer situação significativa do viver, não é possível sair do mesmo modo como se entrou em qualquer situação. da vida além dos seminários, e já a partir do encontro inicial foi solicitado que a estudantada, na condição de lição de casa – com o objetivo de afinar os estilos narrativos e conhecer as diversas possibilidades de organização do pensamento, por meio de discursos – apresentou e desenvolveu os seguintes temas:

1. Ao defender a tese segundo a qual, idealmente, um discurso precisa articular a narrativa priorizando um sujeito (quem), ações (o quê), um espaço/lugar/território, e um tempo (buscando articular o cronológico e o kairós), foi apresentado um primeiro mote-desafio: “O amanhã morre hoje mesmo”. Trata-se de um excerto da obra *Número zero*, de Umberto Eco. O texto foi apresentado por diferentes motivos, mas principalmente em consideração ao processo de “clausura” generalizado. O mote foi apresentado para ser desenvolvido em uma lauda;

2. Como desenvolvo minhas pesquisas? “Explicação” oral, em, no máximo, 3 minutos. Ao considerar as especificidades do curso, tal determinação caracterizar-se-ia fundamental. Pensar em processos

conhecidos, em perspectiva dialética, pressupõe disponibilidade de enriquecimento a novas abordagens;

3. A partir das ponderações e problemáticas contidas em *Era Urso*, solicitou-se que cada estudante, ao revisitar-se, apresentasse, de modo telegráfico, uma narrativa oral priorizando a questão: Quando sou urso?

4. Levando em consideração os permanentes processos de mudança em que todo ser humano se encontra, mediado de certo modo por fatores externos muito fortes, foi solicitado que cada estudante escrevesse uma carta (narrativa epistolar) para o sujeito que talvez, sem tantos problemas se pudesse nomear de “o primeiro amor”, buscando, em perspectiva de balanço e de revisitação, apresentar o momento da vida em que se encontra naquele momento.

5. Ao ponderar sobre os procedimentos adotados para pesquisar, pensar, documentar os achados e procedimentos encontrados e descobertas. A partir de uma metáfora poderosa, foi sugerido que cada estudante fizesse e apresentasse uma receita de bolo, sem usar farinha nem leite. A proposta era fundamentalmente pensar em como se pode, por meio do entrecruzamento de diferentes pesquisas, construir uma obra. Os resultados, como todos os anteriores, realmente, foram surpreendentes.

6. Sempre no sentido de ampliação das potências perceptivas (coligindo, até aquele momento, as teses de Ostrower, Bosi, Lippmann, Heller e Eagleton), fazer um autorretrato (narrativa visual) – considerando aquele momento na vida – e auto apresentar-se por meio de documento imagético.

7. Em determinado momento, já nos aproximando do fim da travessia, buscando considerar todos os ocorridos naquele processo (e, parafrazeando Clarice Lispector, em *A paixão segundo G.H.*), rompendo

com uma terceira perna inexistente, mas a conferir alguma estabilidade sem que a pessoa precisasse se procurar... solicitei – buscando ou não uma terceira margem do rio – que, para a reflexão final, cada estudante pudesse imaginar e convidar para uma conversa, à volta de uma fogueira, algum autor/autora lido.

8. No sentido de encerrar aquele ciclo experiencial, o processo seria finalizado por meio de uma autoavaliação. A tarefa foi desenvolvida por meio de uma narrativa escrita (de no máximo uma lauda), enviada para um/a companheiro/a de turma. No dia para apresentar tal tarefa, a narrativa de alguém seria apresentada, por meio de leitura, por outra pessoa. Evidentemente, diferentes graus de elocução vieram à tona. Ao conhecer a pessoa cujo texto era lido, evidentemente, por meio de sensibilidade, palavras, pausas, tempo-ritmo mediaram a fala. Tal pressuposto fundamentou-se, também, na proposta de ouvir-se a si! De se ouvir e se “ver” pela mediação de seu parceiro/a.

Em razão do significativo processo experienciado, em plena potência dos pressupostos pela alteridade, como trabalho final foi solicitado a criação, no prazo de um mês, de um manifesto coletivo (à semelhança de alguns criados pelas vanguardas históricas e os procedimentos de criação em voga por meio do sujeito histórico teatro de grupo), que coligisse todo o conjunto criado, conquistado individual e coletivamente. Foi estabelecida a sequência por meio da qual, com dois dias para que cada estudante lesse, recortasse, reconfigurasse seus textos e todos os demais. Depois da primeira rodada de criação, o manifesto voltaria ao primeiro e assim, sucessivamente, chegaria até o último dos sujeitos. O resultado poderá ser apreciado nesta mesma edição da *Rebento – Revista de Artes do Espetáculo*.

Ao coligir tantos e diversos materiais, além de o curso ter sido verdadeiramente mobilizador, porque os resultados apresentados eram absolutamente explícitos, as capacidades perceptiva, cognitiva e criativa

ampliaram-se significativamente. As experimentações (ou experiencições, como Viola Spolin se refere ao processo criador, no livro *Improvisação para o teatro*) transitaram e encaminharam-se dos “cuidados” aos destemores cuidadosos e conscientes. Várias formas e desafios tiveram de ser respondidos por meios de diferenciadas formas e possibilidades narrativas. Os filmes ficcionais, os documentários, as obras de literatura infantil, as cartas de despedida, a narrativa a partir de uma frase-mote, autorrepresentação: por fotos e segredos promoveram um resultado – quanto a todo o processo e final – absolutamente de ser conquistado em qualquer situação e turma em âmbito pedagógico. Desse modo, mesmo sem ter mencionado ou priorizado textos específicos, os procedimentos de incentivo e de liberdade fundamentam-se significativamente nas proposições de Paulo Freire, cujo mote fundante do processo educativo concerne ao aprender como processo permanente de troca.

Na perspectiva apontada e como houve realmente uma troca do conjunto todo, pode-se afirmar que a ausência da presença física (mesmo tendo todas as clarezas quanto às lacunas que isso promove), mas em bases democráticas, de respeito ao semelhante, na crença de que os processos precisam também se fazer no processo, pode-se afirmar que a experiência artístico-pedagógica conseguiu um bom resultado pelo empenho coletivo.

Por último, porque defendemos, a partir de todas as considerações apresentadas, o sim quanto ao uso da educação à distância, pode-se defender a tese de que se tratou de um significativo momento nas trajetórias individuais e na coletiva. Evidentemente, a educação à distância não pode substituir as relações de presença, mas, ao considerar o contexto, seu uso insere-se na condição de astúcia e tática estratégica para se ligar ao mundo, às pessoas e às contingências de nosso tempo.

## Sujeitos do processo em construção

Basicamente, o processo dialógico transitou em/com um permanente entrecruzamento ilocutório. Simone Carleto e eu, de modo permanente, a estudantada, constituída por: Carol Angrisani, Carol Rocha Ewaci, Daphne Michellepis, Diego Cardoso do Nascimento, Gabriela Flores, Haylla Rissi, Jaoa de Mello (João Guilherme Mello de Souza), João Pedro Ribeiro, Luciana Marcon, Rafael Percino, Sofia Botelho. Além das citadas, acompanharam o curso, Adailton Alves Teixeira (a quem oriento no doutoramento) e Flávio Melo que, na ocasião, postulava inserir-se em doutoramento no programa de pós-graduação do Instituto de Artes. Em dois momentos, recebemos a visita do professor Ferdinando Martins (ECA-USP e de Fábio Resende (orientando de mestrado e integrante da Brava Companhia). Em um dos encontros, Simone Carleto apresentou indicadores, a partir de ampla bibliografia, dos pressupostos constitutivos quanto à metodologia da pesquisa; em outro, e a meu pedido, Rodrigo Morais Leite (professor da Universidade Federal da Bahia) apresentou uma exposição sobre algumas das principais epistemologias para o desenvolvimento de narrativas na história.

Os seminários tiveram os seguintes sujeitos e obras:

1. Jaoa de Mello e Raphael Persino: de Agnes Heller, *O cotidiano e a história* (2004); de Ecléa Bosi, *Entre a opinião e o estereótipo* (2004); de Walter Lippmann, *Os estereótipos* (1980).

2. Carol Rocha Ewaci, Haylla Rissi e Sofia Botelho: de Mikhail Bakhtin (1992), sobre o estudo das ideologias e filosofia da linguagem; de Terry Eagleton (1991, 2005), sobre guerras culturais e cultura e natureza; de Robert Darnton, *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa* (2010).

3. Carol Angrisani (de Eric Hobsbawm, *O sentido do passado* (1998)) e Luciana Marcon (de Carlo Ginzburg, "Sinais – raízes de um paradigma indiciário" (1998)).

4. Daphne Michellepis (de Maurice Halbwach, *Memória coletiva* (1990)) e Gabriela Flores (de Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, *Os paradoxos da memória* (2007)).

5. Diego Cardoso do Nascimento (de Walter Benjamin, “O Autor como Produtor” (1994)) e João Pedro Ribeiro (de Roberto Schwarz, *Que horas são?* (1987)).

6. No último dos encontros, priorizando as artes da representação (na medida em que havia estudantes com formação diversa e cujos projetos de pesquisa contemplariam outras linguagens (dança e questões ligadas à voz), houve um deslocamento da proposta inicial, que contemplaria a linguagem teatral. De modo diferenciado àquela experienciado até aquele momento, a metodologia buscava transitar com os procedimentos de participação em forma de fórum. Cada estudante teve como desafio escolher uma obra que tivesse marcado sua trajetória como artista e pesquisador. Apesar de a turma ter sido bastante ousada durante todo o curso, neste penúltimo dia de encontro, houve uma certa inibição. Entretanto, do ponto de vista metodológico, esta última participação alimentaria o trabalho final, acatado pelo conjunto, que seria a escritura de um manifesto, coligindo contextos histórico-sociais e pessoais: pandemia, a tragédia política brasileira, o abandono das universidades, o desmanche da cultura....; a provocação sentida e viabilizada por meio das diferentes fontes de contato com os materiais indicados para desenvolvimento do curso; sonhos e desejos de cada estudante. Ou, literalmente, foi apresentado o seguinte enunciado: “Por meio dos jogos de provocações – em proposição poliédrica –, buscados de diferentes maneiras durante o curso, criar um manifesto no qual apareça: algumas singularidades, dois momentos de superação pessoal, desejos que permanentemente teimam em se realizar; um lampejo durante o curso; lugar dentro-lugar fora; afagos e com quem gostaria de estar em uma fogueira”. O trabalho final, como já afirmado, figura desta edição, cujo título é *Manifesto Poliédrico-estético-político Afetivo por um Coro de Corpos Distantes*.

Como última observação, e se teve o cuidado quanto à documentabilidade do percurso, em travessia da significativa experiência, cujas manifestações, mediadas por tela dividida em imagens, atos, pensamentos e afetos, podem ser encontradas em no dispositivo *Google Classroom* ou Sala de Aula: “Seminários de Pesquisa I”.

## Referências

ADORNO, Theodor W. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 1991. p. 15-45

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. Conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 120-136. [Obras Escolhidas, v. 1]

BENTLEY, Eric. *A experiência viva do teatro*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BLOW-UP [DEPOIS DAQUELE BEIJO]. Direção de Michelangelo Antonioni. Color. Magnus Opus: Itália, UK, 1966, 1 DVD (111 min.).

BLUE EYED [OLHOS AZUIS]. Direção de Bertram Verhaag, Roteiro de Jane Elliott, Color. USA: 1996, 1 DVD (93 min.). BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular*. Petrópolis: Vozes, 1981.

BOSI, Ecléa. Entre a opinião e o estereótipo. In: \_\_\_\_\_. *O tempo vivo da Memória*. São Paulo: Ateliê, 2004. p. 113-126.

BRAGA, Claudia. *Em busca da brasilidade: teatro brasileiro na Primeira República*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte/MG: Fapemig; Brasília/DF: CNPq., 2003.

BRECHT, Bertolt. ena de rua - Modelo de uma cena de teatro épico. In: \_\_\_\_\_. *Teatro dialético*. Trad. Luiz Carlos Maciel, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967. p. 141-159.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Trad Vera Maria Xavier, Bauru/SP: Edusc, 2004.

DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Trad. Sônia Coutinho, Rio de Janeiro: Graal, 2010.

DAS SCHRECKLICHE MÄDCHEN [UMA CIDADE SEM PASSADO]. Direção de Michael Verhoeven. Alemanha Oriental, 1990, 1 DVD. (92 min.).

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Trad. Sandra Castello Branco, São

Paulo: Editora da Unesp, 2005.

EAGLETON, Terry. *Função da crítica*. Trad. Jefferson Luiz Camargo, São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ECO, Umberto. *Número zero*. Trad. Ivone Benedetti, Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.

ELIAS, Norbert. *O Processo civilizador I. Uma história dos costumes*. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. (vol. 1)

FARIA, João Roberto. *O teatro realista no Brasil: 1855-1865*. São Paulo: Edusp; Perspectiva, 1993.

FO, Dario; RAME, Franca (org.). *Manual mínimo do ator*. Trad. Lucas Balduino e Carlos David Szlak, São Paulo: Senac São Paulo, 1999.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Ática, 1976.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti, São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 22-35.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou, São Paulo: Vértice, 1990.

HELLER, Agnes. *Cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HOBSBAWM, Eric. O sentido do passado. In: \_\_\_\_\_. *Sobre história: ensaios*. Trad. Cid Knipel Moreira, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 22-35.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Santa Catarina: Editora da UFSC – Campus Universitário Trindade. Florianópolis, 1988.

LIPPMANN, Walter. Estereótipos. In: STEINBERG, Charles S. (org.). *Meios de comunicação de massa*. São Paulo: Cultrix, 1980.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. Os Paradoxos da Memória. In: MIRANDA, Danilo dos Santos (org.). *Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: Edições Sesc-SP, 2007.

NAMUR, Virginia Maria de Souza Maisano. *Dercy Gonçalves – o corpo torto do teatro brasileiro*. Tese (Doutorado em Artes Cênicas), Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas-SP, Campinas: Unicamp, 2009.

NANETTE. Direção de Madeleine Parry e Jon Olb, Roteiro de Hannah Gadsby. Color. Austrália, 2018. 1 DVD.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1984.

PRADO Júnior, Caio. *Dialética do conhecimento*. São Paulo: Brasiliense, 1969.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. Trad. Ingrid Dormien Koude-la, São Paulo: Perspectiva, 1983.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos, São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

Submetido em: 14/11/2020

Aceito em: 07/12/2020